



PARTE 3  
ENTREVISTA



# MACHADO VISTO POR MACHADIANOS DE HOJE

*Simone von Rondon\**

Esta entrevista se integra nas “Comemorações do Centenário de Dom Casmurro”, organizadas pelo CESPUC (PUC Minas), em 1999.

A idéia de se proporem as mesmas questões a vários estudiosos de Machado de Assis teve como pressuposto a complexidade da recepção crítica da obra machadiana. Tentou-se obter assim a contribuição de outros especialistas que, por motivos vários, não puderam participar da discussão empreendida durante as atividades ligadas ao Centenário.

Os entrevistados falam dos “caminhos misteriosos” que os levaram ao encontro desse autor tão instigante e do fascínio que neles exerceram seus escritos de “natureza multiprismática”, feitos “em várias camadas”. Por isso mesmo, esses escritos dão origem a várias leituras, cuja divergência só vem confirmar a arte, a técnica e a refinada ironia com que o “Bruxo do Cosme Velho” elabora as suas narrativas, desafios constantes aos mais variados leitores e garantia da permanência do autor e de sua obra através dos tempos.

*P: O Sr. é um dos grandes especialistas em Machado de Assis. O que o levou a se interessar de forma tão viva pela obra do “Bruxo do Cosme Velho”?*

ABEL BARROS BAPTISTA: O meu interesse pela obra de Machado de Assis nasceu de forma perfeitamente fortuita, aliás bem adequada à ficção machadiana. Em 1973, eu estudava na cidade do Porto e conhecia alguém que morava na Rua Brás Cubas. Deparando com uma edição portuguesa de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cuidei que se tratasse do mesmo e comprei o livro. Verifiquei depois que não era realmente o mesmo, mas que a minha confusão, suscitada pela homonímia, estava já prevista no romance de Machado. Como se sabe, o pai de Brás Cubas deu-lhe o nome “Brás” para apoiar a tentativa de se entroncar na família do capitão Brás Cubas, aquele que

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

afinal dá nome à dita rua da cidade do Porto. De todo o modo, o que, a princípio, não passou de descoberta de um autor fascinante e bem moderno, tornou-se rapidamente uma obsessão. Cresci e fiz a minha aprendizagem no campo dos estudos literários lendo Machado de Assis: acho que tudo o que li e tudo o que estudei foi lido e estudado para compreender a obra machadiana; e por outro lado, acho que na obra machadiana encontrei como em nenhuma outra um corpo de problemas que correspondia às minhas obsessões ou, mais modestamente, às minhas preocupações. Em suma, creio que, mais importante do que dizer como nasceu o meu interesse pela obra de Machado, é sublinhar que, de há quinze ou dezesseis anos para cá, ela tem sido para mim uma escola extraordinária. O que persiste hoje, depois de dois livros publicados, e espero que continue a persistir.

GILBERTO PINHEIRO PASSOS: Na verdade, sou um professor de literatura francesa, a qual, ao longo do século XIX, foi determinante para o desenvolvimento de nossa produção literária. Daí vem a origem do meu interesse por Machado de Assis: como teria ele trabalhado a maior presença cultural estrangeira em seus romances?

Quanto mais eu pesquisava as fontes francesas de Machado de Assis, mais me entusiasmava com as respostas criativas que o “bruxo” dava a esse influxo, pois ia verificando as transformações que o segmento estrangeiro recebia em sua obra. Uma coisa interessante de se notar é o fato de Machado, em geral, indicar claramente ou, pelo menos, indiciar o autor com o qual vai travar um diálogo, como que sinalizando para o leitor brasileiro o caminho a ser percorrido, em termos de melhor compreensão de cada texto e o longo aprendizado que nossa literatura tinha a fazer, em relação às experiências culturais ali evocadas.

JURACY ASSMAN: O interesse pela obra de Machado de Assis vincula-se, em primeiro lugar, ao interesse pela literatura. Minha infância foi marcada pela audição de narrativas e poemas, e o prazer que eles despertaram se ampliou quando eu mesma me transformei em leitora. Foram os livros os companheiros da adolescência vivida no espaço limitado de um internato, mas que não era restrito, porque povoado pela fantasia de mundos imaginários. As obras de Machado de Assis passaram a fazer parte de minha experiência de leitora nessa época, porém elas haviam sido antecedidas pela leitura de obras de escritores portugueses, russos, ingleses, franceses e de escritores brasileiros, particularmente, os românticos. A paixão pela leitura ignorava, então, distinções entre autores e obras e, certamente, eu perseguia muito mais a “aventura” do que a “reflexão”. Nesse sentido, para a adolescente imersa na fantasia, Machado era apenas um autor entre outros autores. Entretanto, a idade adulta e a passagem do estágio de leitora ingênua para o de leitora crítica não só alteraram o posicionamento frente aos textos literários, como também sedimentaram o interesse pela obra de Ma-



chado de Assis, que passou a ser, para mim, o autor entre os demais autores.

O interesse por Machado se manteve pela vida afora: primeiro porque a obra dele desvela a natureza do homem e, por isso, tem me ajudado a compreender situações e circunstâncias complexas; segundo porque o processo de elaboração das obras me inquieta e provoca, constituindo-se em um enigma que intento desfazer. Nesse exercício, a resposta é sempre incompleta, transformando-se a solução em nova pergunta, que provoca novo desafio, enredando-me indefinidamente no circuito da obra.

LUIZ COSTA LIMA: No acanhado ambiente intelectual latino-americano das últimas décadas do século XIX e começos do século atual, a obra de Machado é simplesmente um escândalo positivo. Sua excepcionalidade não se limita a seus romances de maturidade, nem a seus contos mais prezados. Diria mesmo: suas crônicas, de que não temos hoje sequer uma edição completa (!), serviriam de introdução para mostrar ao leitor paciente as dificuldades que tinha de contornar para dizer o que dizia. Não se trata de converter Machado em um herói que diz o que não se podia dizer. Ao contrário, Machado apreende o que há de ser sinuoso, sem que o leitor perceba sua tática – se o percebesse, sofreria conseqüências desagradáveis. Assim, por exemplo sob a censura da imprensa, no tempo em que a Revolta de Custódio de Melo ameaçava o Rio, sua crônica parece uma conversa mole. Se se localizam os indicadores corretos, verifica-se a comparação que estará fazendo entre o florianismo e o episódio da Revolução Francesa. Do mesmo modo, durante Canudos, ao passo que a imprensa acusava Conselheiro de agente dos monarquistas, Machado, numa mínima frase, diz que a um homem que é capaz de congregiar tantas centenas de seguidores, deveria se prestar mais atenção. (Curiosamente, essa crônica não aparece nas declaradas **Obras completas** que há anos circulam sob o selo da Aguilar). O que digo – sem oportunidade de consultar o próprio material a que me refiro – ainda está por ser feito: o exame minucioso de toda a obra machadiana, mostrando-se como sua aprendizagem e mestria não se encerra nas obras mais glorificadas. Espero que tenha tempo de fazê-lo. A raiz deste estudo seria como o que já chamei de palimpsesto, i.e., a capacidade de escrever em mais de uma camada, sendo as internas, as “apagadas”, aquelas que dão pleno sentido à camada aparente. Adianto: não se trata de propor nem uma leitura textualista, apegada apenas à letra, nem sociológica, i.e., em que se toma a sociedade como matéria que se estrutura na forma machadiana, mas sim de mostrar como a matéria social motiva uma forma que se define por uma arqueologia. Em vez de a forma machadiana compor uma arquitetura, antes conforma uma arqueologia. Ela pois exige um analista que reaprenda a “ler” e não só “encontre” em Machado o que poderia encontrar em área doutra cultura. Tenho tanta vontade de levar adiante o que aqui enuncio que tenho de recordar o que me impede agora de fazê-lo.

MARTA DE SENNA: Creio que meu primeiro interesse surgiu da paixão que meu pai tinha pela obra de Machado. Depois, acho que me deixei fascinar pela finura com que constrói suas personagens, sempre ambíguas, contraditórias, ambivalentes, como as pessoas de verdade. Já como professora de literatura, passei a me deliciar com o domínio da técnica narrativa em Machado, com a destreza com que utiliza a língua, enfim, com o aspecto mais especificamente formal de sua obra.

SILVIANO SANTIAGO: O caminho, ou os caminhos que levam um leitor a uma grande obra como a de Machado de Assis são misteriosos. E convém que permaneçam no mistério. Desvendá-los seria retirar uma capa de encantamento que irá realimentar várias outras e sucessivas leituras. Por isso, restrinjo-me a um único caminho e a um curto relato autobiográfico. Um dado concreto que se perderia no tempo.

Cursava o segundo ano do curso clássico no Colégio Marconi, em Belo Horizonte. Nosso professor de Língua e Literatura Portuguesa (ponhamos que se chame Ludgero Barata) costumava solicitar mensalmente dos alunos uma composição. Em geral, propunha o tema para a composição. Era homem sofrido e piedoso. (Muitos anos mais tarde, quando vim a ler **A genealogia da moral**, reconheci nele a figura do “homem do ressentimento” tal como descrita por Nietzsche. A imagem viva desse professor não me saía da cabeça durante a leitura). Ludgero Barata carregava nas costas a modéstia como Sísifo carrega o fardo. Como era transparente a sua modéstia! E isso me excitava a querer cutucá-la. A ocasião logo apareceu.

O tema para a composição do mês seria “O homem é o lobo do homem”. Sabia que queria que nós alunos fôssemos contra a máxima. Assim acontece no cotidiano, mas não devemos nos comportar dessa maneira. Não tinha – algum dia o terei? – o poder de concisão de Millôr Fernandes que, astutamente, replicou: “O lobo é o homem do lobo” (**Todo homem é minha caça**). Redigi umas duas páginas de papel almaço, concordando inteiramente com a verdade exposta pela máxima. Sofria, na época, de uma rebeldia mimética, alimentada pela leitura dos poemas de Arthur Rimbaud (em particular **Une saison en enfer**, dado de presente a mim, em volume da “Bibliothèque de la Pléiade”, pelo meu amigo e colega do Marconi Ezequiel Neves, que, por sua vez, o tinha surrupiado para debaixo da camisa de lã, no melhor estilo do André Gide de **Os moedeiros falsos**, da Livraria Oscar Nicolai na Afonso Pena), e de Charles Baudelaire.

Não deu outra, quando o professor comentou as composições (em público, deixava-as no anonimato) deplorou a atitude de um aluno. Um verdadeiro espírito de porco, etc. Pois é, por que cargas d’água logo depois me cai às mãos as **Memórias póstumas de Brás Cubas**? Deus escreve direito por linhas tortas, provérbio português que encantou Paul Claudel quando da sua passagem pelo Rio de Janeiro, a ponto de colocá-lo como epígrafe (na língua original) em **Le Soulier de satin**, peça de teatro que,



por seu turno, leva como subtítulo: “Le pire n’est pas toujours sûr”.

Apaixonei-me pelo romance de Machado de Assis. Na minha própria língua, abraçava pela primeira vez a condição de *leitor*, valendo-me das mesmas palavras de que se servira Baudelaire em poema de **As flores do mal**: “Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère!”

WILTON CARDOSO: No Brasil quem escreve dois trabalhos sobre um assunto passa a ser considerado um especialista nesse assunto. Não sei por isso se posso me considerar um especialista em Machado de Assis. Li muito, estudei e escrevi sobre ele. E continuo escrevendo. Mas não sei se sou propriamente um especialista em Machado de Assis. Naturalmente alguma coisa terá sido contribuição minha, a minha própria tese de concurso para Catedrático – **Tempo e memória em Machado de Assis**, um estudo dentro das correntes do tempo da época, o problema do tempo na memória de Machado de Assis, foi um dos primeiros livros a chamarem a atenção para esse tema na obra de Machado de Assis. Acho que aqui devo contar uma história: já disse a você que Machado de Assis era autor proibido no Colégio Arnaldo. O primeiro livro que eu li de Machado de Assis, o romance **Helena**, eu li ainda aluno interno do Colégio Arnaldo e naturalmente escondidos dos padres. E meu exemplar, uma antiga edição da velha livraria Garnier, que não sei se ainda é o que está nas estantes de minha biblioteca, esse exemplar passou durante todo um ano, depois de lido, escondido e enrolado numa toalha de banho, num escaninho da rouparia do colégio, para que ninguém o descobrisse. Em seguida, algum tempo depois, já então aluno externo do Ginásio Mineiro, li também pela primeira vez as **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Necessariamente não entendi grande coisa, mas adorei... e daí por diante Machado de Assis tomou conta de todas as minhas preferências de leitura.

P: *Mas, professor, havia um motivo, uma justificativa para que a leitura de Machado de Assis fosse proibida pelo Colégio Arnaldo naquela época?*

WILTON CARDOSO: Se havia, se houve em algum tempo, eu jamais tive dela notícia. Simplesmente era autor proibido. Consideravam os padres que não era autor para ser lido pela juventude. E neste ponto eu tenho um caso bastante interessante para relatar: já no Ginásio Mineiro tive como professor Mário Casassanta, que era um machadiano. Era o machadiano da época em Belo Horizonte! Escreveu nada menos que três livros sobre Machado de Assis (**Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis; Machado de Assis e o tédio e a controvérsia; Machado de Assis escritor nacional**). Quase que em todo fim de aula eu me aproximava de Mário Casassanta para lhe levar um problema de leitura, relacionado com Machado de Assis. Um dia ele me bateu no ombro e disse: “Wilton, essa sua paixão por Machado de Assis na sua idade não é bom sintoma de saúde mental”. Então creio que essa onda de se dizer

que Machado era um autor negativista tivesse levado os padres do Colégio Arnaldo a proibir a sua circulação dentro do colégio.

P: Segundo Pascal “zombar da filosofia é em verdade filosofar”. Muito se tem escrito sobre a filosofia na obra de Machado de Assis. O Senhor acha que ela teria assumido na obra a forma peculiar da ironia?

ABEL BARROS BAPTISTA: De fato, já muito se escreveu a respeito da filosofia na obra machadiana. Porém, Machado de Assis não tem uma filosofia, ou, por outras palavras, a obra ficcional de Machado não tem o propósito de exprimir uma filosofia nem sequer de escarnecer da filosofia. Um dos princípios básicos do meu trabalho crítico machadiano consiste em repudiar qualquer forma de reduzir a sua obra ficcional a esse tipo de expressão. O que não significa que o problema não se ponha. É para mim evidente que Machado conseguiu o feito notável, e a meu ver ele é nisso pioneiro, de restabelecer uma linha humorística tradicional do romance em aliança com a linha problematizadora nascente no seu tempo. E isso implica necessariamente uma partilha com a filosofia. Toda a obra de Machado pode ser entendida como resposta à questão: “Ainda há qualquer coisa a que se possa chamar destino?”. Nesse sentido, a rivalidade com a filosofia é inevitável. O fato de a partir dessas obras não se poder deduzir uma filosofia, pode ser designado com recurso a muitas palavras. Ironia é sem dúvida uma delas.

GILBERTO PINHEIRO PASSOS: Machado apresenta, de fato, muitas digressões filosóficas, como que apagando a narração detida dos fatos brutos para tentar uma visão mais abrangente. No entanto, a nota tônica está ligada a uma visão irônica dos excessos a que o pensamento filosófico chegou, sobretudo no seu tempo. Daí as paródias, como o Humanitismo de Quincas Borba, ou a lembrança de Pangloss, símbolo do excesso a que pode chegar uma corrente de pensamento.

Isso não impede que haja uma saudável preocupação com o destino do ser humano. Só que nada é muito “fixo” na visão machadiana da existência, nem o próprio filosofar, pois a clave da ironia representa o distanciamento necessário para se manter a liberdade criativa.

JURACY ASSMAN: Por sua natureza multiprismática e por ser um cronópoto, a obra de Machado, como a de todos os grandes escritores, presta-se às mais diferentes interpretações, que, por sua vez, têm por base diferentes perspectivas. A análise da cosmovisão machadiana tem sido feita a partir de sua interação com o ponto de vista de filósofos e de autores da literatura ocidental, incluindo-se entre eles Voltaire, Pascal, Montaigne, Schopenhauer, Shakespeare, Cervantes, Rabelais, Sterne. O diálogo de Machado com esses autores e, particularmente, a visão de mundo que ele expressa



permitem afirmar que sua obra é irônica, por relativizar as “verdades” normalmente aceitas, e por solapar as crenças instituídas.

LUIZ COSTA LIMA: Falar na filosofia de Machado sempre me pareceu uma forma inapropriada de defini-lo. Como em todo grande escritor, em Machado a forma pensa e não apenas cria efeitos retoricamente definíveis e classificáveis. Estamos de acordo que em Machado a forma pensa com freqüência através do humor – o “wit” inglês – e pela ironia. Mas, acrescentaria, sobretudo enquanto estes recursos permitem a comunicação entre camadas arqueológicas, i.e., entre dimensões internas ao texto. (A hoje famosa ambigüidade de Bentinho como narrador – advogado que defende sua própria causa, dando a ilusão que o adultério de Capitu é um fato, quando o próprio romance o deixa em dúvida – serviria de exemplo do que digo). Falar-se na filosofia de Machado tem sentido apenas ante a pobreza de nossa própria literatura e de nossa crítica. Com mais razão dever-se-ia então falar em uma filosofia de Montaigne e, por que não, de Shakespeare – autores, ambos, de que Machado se nutriu. Fosse a afirmação correta, deveríamos também tratar da filosofia de Guimarães Rosa e de João Cabral. Os grandes escritores podem dar a impressão de serem “filósofos” porque poesia – no sentido amplo do termo – e filosofia habitam terras vizinhas: são formas de pensar o mundo e não de operacionalizar o domínio de um certo objeto. Flaubert dizia que a diferença entre o artista e o leitor comum consiste em que onde este vê forma aquele vê conteúdo. Ou seja, para o artista a forma é forma porque contém conteúdo. A forma-conteúdo machadiana freqüenta a vizinhança dos chamados filósofos estoicos e cínicos – digo-o embora desconheça se Machado leu os cínicos. No fundo de ambos e do nosso escritor, está uma lição pessimista. Discutir sua “filosofia” teria de imediato a propriedade de mostrar que “pessimismo” não significa só ver desgraças mas saber que estas fazem parte – e que parte! – de nossa aventura humana. O pessimista pode pensar como Voltaire que, de toda a humanidade, apenas cem mil indivíduos são inteligentes. Esta não seria a ironia própria a Machado. A sua é bem mais fina e não permitiria tal tipo de quantificação. Ao contrário, tomando seus personagens sobretudo entre os membros da boa sociedade, Machado faz sobressair menos sua inteligência do que a plástica perversidade de que todos somos capazes. Neste sentido, não só sua ironia não é de superfície, voltairiana, como seu pessimismo não se confunde com um “ai, pobre de mim”. Seu pessimismo maiúsculo permite a coragem da mudança. E o que é uma forma bem configurada, que não se restringe a um arranjo “culinário” das palavras, se não a prova da coragem de enfrentar a dispersão do dia-a-dia, o elogio barato do tapinha nas costas? Não se trata tampouco de tomá-lo como um escritor da alegria. Nem se trata de dizer que a alegria e a felicidade são os estados de mais difícil expressão. Embora isso me pareça verdade, não se aplicaria a Machado. Machado não escreve em letras como Mozart compusera em sons. A profundidade mozarlesca admite e mesmo convive com a ale-

gria – por certo, não no “Requiem” (embora não com a felicidade, o que mesmo em Mozart não parece existente); não é o caso de Machado. Mas, se quisermos ver a propriedade de seu pessimismo, bastaria compará-lo com um dos autores que lia, Schopenhauer. Em Machado, nunca houve a tentação do nirvana. Em seu lugar, há o negaceio – isso é assim mas também pode ser assado. Pergunto-me em que medida foi neste sentido *motivado* pelo meio *acanhado* e *autoritário* que era e é o nosso.

MARTA DE SENNA: Não sei se se pode falar de “filosofia” na obra de Machado de Assis. Mas, num sentido largo, o filosofar de Machado, ou seja, a reflexão problematizadora da existência que marca os romances da maturidade e os melhores contos, é um filosofar irônico. A ironia, entendida como a mais refinada forma do cômico, me parece ser o caminho pelo qual Machado realiza a fusão, ou melhor, a mescla perfeita de trágico e cômico, peculiar aos grandes autores da grande literatura.

SILVIANO SANTIAGO: **Quincas Borba**, na tradução para o inglês, leva o título **Philosopher or dog?** (Filósofo ou cachorro?) Sempre achei muito engenhoso o achado do tradutor norte-americano. Assinalava ele, de maneira *visível*, a dívida de Machado de Assis para com os filósofos cínicos, de que Diógenes seria o melhor exemplo. Como se sabe, etimologicamente, *cínico* significa *cão*, e *cinismo*, *relativo a cão*.

Não sei onde se encontra o aforismo de Pascal que vocês citam. Não dá para procurá-lo no calor de uma resposta (perdoem-me os leitores da revista). Mas sem dúvida deve ser reminiscência de leitura dele dos cínicos, assim como – acredito mais e mais – a criação do personagem Quincas Borba está intimamente ligada não só ao modo de pensar dos cínicos, como também ao seu modo de viver. (Diógenes sempre foi uma figura muito popular na mitologia urbana do brasileiro letrado.)

Do modo de viver dos cínicos (ou de Quincas Borba) não estão excluídos a condição de pária da sociedade (a vida nas margens), o furto como compensação para as desigualdades sociais (não seria também a herança uma forma sutil de roubo?) e até mesmo o deboche, que tudo aclara e nada explica.

Definiriam estes princípios éticos, na “filosofia” de Quincas Borba, “o *passo adiante* [grifo meu] de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um verdadeiro brinco de crianças ao pé da [sua] receita moral”? Acredito que sim: ao lado do cinismo, a filosofia estoíca era um “brinco de crianças”. É claro que não se compreende *todo* Machado de Assis por essa “influência da ansiedade”.

Será que a figura esquelética, de barba pintada de branco, o maltrapilho avelhentado já estava no menino “gracioso, inventivo e travesso”? Será que um estava dentro do outro, como a fruta dentro da casca? Seria essa mais uma pedrinha a ser colocada no mosaico, onde já estão Sócrates, Platão, os estoícos, os moralistas e até mesmo Marx.



Ou não. Seria essa, antes e apenas, uma minguada pecinha que em quase nada ajuda a aclarar o quebra-cabeça do pensamento machadiano. De qualquer forma, nesta curta resposta estarei dando mais sentido ao verbo “zombar” da citação pascaliana, do que à “ironia” que vem na pergunta.

(Nota: recentemente li uma antologia de textos apócrifos de filósofos cínicos. Pensei o tempo todo em Machado de Assis. Infelizmente, o livro está emprestado e não deu para tê-lo de volta a tempo para elaborar melhor esta resposta. Ocasões não faltarão.)

WILTON CARDOSO: Caracterizar a obra de Machado de Assis do ponto de vista filosófico, ou mesmo do ponto de vista meramente de crítica literária como sendo, vamos dizer assim, uma contribuição em que predomina a ironia me parece inteiramente falso. Machado de Assis não é irônico, Machado de Assis é humorista. O que é bastante diferente. Já se disse que o irônico é o indivíduo que pensa num ideal, o irônico é um idealista, ele analisa a realidade tentando pelo que ela devia ser e não pelo que é, e nisto ele faz a ironia. Quando nós chamamos, por exemplo, um indivíduo pouco inteligente de gênio, estamos fazendo ironia. O humorismo é ao contrário, ele é realista, não é idealista, ele vê a realidade, pinta a realidade tal como ela é e finge estar de acordo ou defender esta realidade. E é este o caso de Machado.

Digo que por influência de autores ingleses, realmente muito citados na sua obra, mas talvez por uma tendência natural do seu espírito, ele não propriamente zombava da filosofia, mas zombava e lamentava zombeteiramente a incapacidade do espírito humano para compreender a realidade da vida. Esta que é a questão.